



Jennifer Ashley

Vencedora do Prémio RITA para Melhor Romance



O CASAMENTO

ESCANDALOSO

de Lady Isabella

Ela tentou fugir dele, mas o desejo
arrastou-a de volta.

TOP
SEL
LER

Capítulo 1

Toda a cidade de Londres ficou atônita ao tomar conhecimento do repentino casamento de Lady I... S... com Lorde M... M..., irmão do Duque de K..., na noite passada. A senhora em questão realizou na mesma noite a sua apresentação à sociedade e o seu casamento, levando outras debutantes a suplicar a seus pais que os seus bailes de debutante sejam igualmente férteis em acontecimentos.

De um jornal de sociedade londrino, fevereiro de 1875

Setembro de 1881

O laçao de Isabella tocou a sineta da casa de Lorde Mac Mackenzie, em Mount Street, enquanto a própria Isabella aguardava no interior do landau, perguntando-se pela décima vez desde que saíra de casa se o que fazia era sensato.

Talvez Mac estivesse fora. Talvez o imprevisível homem se encontrasse em Paris ou Itália, onde o verão ainda se prolongaria por mais algum tempo. Ela podia investigar sozinha o que descobrira. Sim, isso seria o melhor.

Quando abriu a boca para chamar o laçao, a grande porta preta abriu-se e o criado de quarto de Mac, um antigo pugilista, espreitou para fora. O coração de Isabella estremeceu. Se ele estava ali, Mac também estava, pois Bellamy nunca se afastava muito do patrão.

Bellamy espreitou para o landau e uma expressão de indizível perplexidade assomou-lhe ao rosto coberto de cicatrizes. Isabella não se aproximava daquela casa desde o dia em que a abandonara, há três anos e meio.

— Minha senhora?

Isabella segurou a mão musculosa de Bellamy para se equilibrar ao descer. A melhor maneira de fazer aquilo, pensou, era simplesmente fazê-lo.

— Como está o teu joelho, Bellamy? — perguntou. — Continuas a usar o linimento? Será esperar muito que o meu marido esteja em casa?

Entrou rapidamente na casa sem parar de falar, fingindo não reparar na criada de quarto e no laçao que apareceram para espreitar.

— O joelho está muito melhor, minha senhora. Obrigado. Sua Senhoria está... — Bellamy hesitou. — Está a pintar, minha senhora.

— Tão cedo? Que surpresa. — Isabella subiu rapidamente as escadas, não se permitindo pensar no que fazia. Se pensasse, fugiria para longe; talvez se trancasse em casa e não voltasse a sair. — Está no estúdio? Não é preciso anunciar-me, subo sozinha.

— Mas, minha senhora...

Bellamy seguiu-a, mas o joelho enferrujado não lhe permitia andar depressa e Isabella chegou ao patamar do terceiro andar antes de ele ter subido o segundo lance.

— Minha senhora, ele disse que não queria ser incomodado — gritou Bellamy lá para cima.

— Eu não me demoro. Só preciso de lhe fazer uma pergunta.

— Mas, minha senhora, ele está...

Isabella deteve-se, com a mão na maçaneta branca da porta da sala do lado direito do sótão.

— Eu assumo todas as culpas por invadir a privacidade de Sua Senhoria, Bellamy.

Levantou as saias, abriu a porta e entrou na sala. Mac estava mesmo ali, de pé, diante de um cavalete alto, a pintar com fervor.

As saias de Isabella escorregaram-lhe dos dedos sem vigor, a beleza do marido de quem se separara atingindo-a como uma rajada. Mac vestia um *kilt* andrajoso e manchado de tinta, e estava

em tronco nu. Embora estivesse fresco no estúdio, as suas costas reluziam de suor, a pele bronzeada por ter passado o verão no continente, onde fazia mais calor. Usava um lenço vermelho, ao estilo cigano, para não sujar o cabelo de tinta. Sempre o fizera, lembrou-se ela com uma pontada de dor. Tornava-lhe as maçãs do rosto mais proeminentes e realçava-lhe a beleza do rosto. Até as botas grosseiras, muito usadas e salpicadas de tinta, lhe eram familiares e queridas.

Mac colocava energicamente tinta na tela; obviamente, não a ouvira abrir a porta. Segurava a paleta na mão esquerda, com os músculos do braço contraídos, enquanto com a mão direita movia o pincel em gestos rápidos e sacudidos. Mac era um homem assombroso, ainda mais atraente quando absorvido a fazer algo que adorava.

Isabella costumava sentar-se naquele mesmo estúdio, num velho sofá com almofadas espalhadas, simplesmente a vê-lo pintar. Mac podia não lhe dirigir uma única palavra enquanto trabalhava, mas ela adorava observar o movimento dos músculos nas suas costas, a forma como manchava a bochecha de tinta ao coçá-la distraidamente. Depois de uma sessão particularmente boa, virava-se para ela com um sorriso aberto e puxava-a para os seus braços, sem se importar que a tinta a manchasse então a ela.

Isabella estava tão absorvida em Mac que não se apercebeu do que pintava com tanta intensidade até se forçar a desviar o olhar para o outro lado do aposento. Mal conseguiu disfarçar a sua consternação.

Uma jovem estava deitada numa plataforma elevada, coberta por panos amarelos e vermelhos. Estava nua, o que não constituía surpresa — em geral, Mac pintava mulheres que usavam pouquíssima ou nenhuma roupa. Mas Isabella nunca o vira pintar nada tão abertamente erótico. A modelo estava deitada de costas, com os joelhos dobrados e as pernas abertas. Uma mão repousava nas partes privadas, que ela abria sem qualquer pudor.

Mac mostrava-se carrancudo perante o oferecimento e pintava com gestos rápidos.

Atrás de Isabella, Bellamy chegava ao último patamar, soprando de cansaço e aborrecimento. Mac ouviu-o e resmungou, mas não se virou.

— Raios, Bellamy, disse-te que não queria ser incomodado esta manhã.

— Desculpe, senhor. Não consegui impedi-la.

A modelo ergueu a cabeça, avistou Isabella e sorriu:

— Oh, olá, Vossa Senhoria.

Mac olhou para trás de si uma vez, duas vezes, até que o seu olhar de cobre se fixou em Isabella. A tinta escorreu, ignorada, do pincel para o chão.

Isabella esforçou-se para que a voz não lhe tremesse.

— Olá, Molly. Como está o teu filhote? Está tudo bem, Bellamy, podes deixar-nos. Não me demoro, Mac. Vim só fazer-te uma pergunta.



Com mil diabos!

Onde tinha Bellamy a cabeça, para a deixar subir?

Há três anos e meio que Isabella não pisava a casa de Mount Street, desde o dia em que o deixara sem mais do que uma breve carta de explicação. Agora estava ali, na ombreira da porta, com o chapéu e as luvas de fazer visitas. Logo hoje, que Mac pintava Molly Bates na sua gloriosa nudez. Aquilo não fazia parte do seu plano, o plano que o fizera saltar para um comboio com destino a Londres depois do casamento do irmão, e seguir Isabella desde a Escócia. Era o que ele considerava um lamentável erro de cálculo.

A jaqueta azul-escura de Isabella cingia-lhe o tronco e os seios cheios, e uma saia cinzenta com pregas complicadas espalhava-se sobre uma pequena armação. O chapéu era um torvelinho de flores

e de fitas, as luvas cinzento-escuras, onde não se via a fuligem de Londres. As luvas delineavam os dedos finos que ele queria beijar, as mãos que tanto ansiava que voltassem a descer-lhe pelas costas quando estivessem os dois na cama.

Isabella sempre tivera gosto para se vestir, sempre soubera escolher cores que enchiam o seu olho de artista. Noutros tempos, Mac adorava ajudá-la a vestir-se de manhã, enlaçando-lhe os vestidos junto da pele macia e odorosa. Dispensava a criada e ele próprio realizava todas as tarefas, se bem que nessas manhãs demorassem muito a descer para o pequeno-almoço.

Agora, Mac absorvia cada milímetro dela e, *raios partam*, endureceu. Ela notaria, rir-se-ia?

Isabella dirigiu-se ao robe que Molly deixara enrolado no chão.

— É melhor embrulhares-te nisto, querida — disse para a modelo. — Está a arrefecer. Sabes que o Mac nunca se dá ao trabalho de pôr lenha na lareira. Porque é que não vais lá abaixo aquecer-te com uma boa chávena de chá enquanto converso com o meu marido?

Molly pôs-se rapidamente de pé, com um grande sorriso. Era uma mulher bonita, do género que agradava a muitos homens — seios grandes, ancas redondas, grandes olhos de corça. Tinha uma massa de cabelos pretos e um rosto perfeito, o sonho de um artista. Ao lado da beleza de Isabella, porém, Molly perdia todo o esplendor.

— Não me importo nada de ir — disse Molly. — É difícil posar para pinturas malandras. Tenho os dedos entorpecidos.

— Uns bolinhos ajudarão a soltá-los — comentou Isabella, enquanto Molly se enfiava no robe. — A cozinheira do Mac costumava ter sempre grande abundância de bolos de passas, para as emergências. Pergunta-lhe se ainda tem.

Molly mostrou as covinhas das faces.

— Senti a sua falta, Vossa Senhoria. A sério. O senhor esqueceu-se que nós temos de comer.

— Ele é assim — concordou Isabella. Molly saiu do estúdio, despreocupada, e Mac observou, como se fosse à distância, Bellamy a sair atrás dela e a fechar a porta.

Isabella virou os seus vivos olhos verdes para Mac.

— Estás a entornar.

— O quê? — Mac fitou-a e depois ouviu um pingão de tinta cair no chão de madeira. Soltou um resmungo, atirou a paleta para cima da mesa e o pincel para um jarro de terebintina.

— Hoje começaste cedo — disse Isabella.

Porque manteria aquele tom neutro e amigável, como se fossem conhecidos num lanche?

— Havia boa luz. — A voz dele parecia forçada e rouca.

— Sim, temos finalmente uma manhã ensolarada. Não te preocupes, não te demorarei muito. Só quero uma opinião tua.

Maldita fosse, teria ido ali de propósito para o apanhar desprevenido? Quando é que se tornara tão talentosa nesse jogo?

— A minha opinião acerca de quê? — perguntou ele. — Do teu chapéu novo?

— Não, mas obrigada por reparares. Quero a tua opinião acerca disto.

De repente, o chapéu em questão estava mesmo por baixo do nariz dele. Fitas cinzentas e azuis encaracolavam nas pontas, pedindo para serem erguidas, alisadas.

O chapéu recuou até ele fitar os olhos de Isabella, olhos que o tinham prendido do outro lado de um salão de baile, havia tanto tempo. Nessa altura, ela era uma doce debutante que, como agora, não tinha consciência do seu poder. O seu olhar simples de interrogação, de interesse, podia prender um homem e provocar-lhe os mais inimagináveis sonhos eróticos.

— Acerca disto, Mac — disse ela, impacientemente.

Estava a mostrar-lhe um lenço. No centro do lenço branco estava um pedaço de tela pintado de amarelo, com cerca de vinte e cinco milímetros de comprimento e seis milímetros de largura.

— Que cor dirias que é? — perguntou ela.

— Amarelo. — Mac ergueu uma sobancelha. — Vieste de North Audley Street até aqui para me perguntar se uma coisa é amarela?

— Claro que eu sei que é amarelo. Que género de amarelo, especificamente?

Mac examinou a tela. A cor era vibrante, quase pulsava.

— Amarelo-cádmio.

— Mais específico que isso? — Abanou o lenço, como se o movimento pudesse revelar o mistério. — Não comprehendes? É amarelo *Mackenzie*. Aquele amarelo assombroso que misturas para as tuas pinturas, a fórmula secreta que só tu conheces.

— Sim, pois é. — Com Isabella tão perto, o seu aroma embriagador a penetrar-lhe as narinas, a Mac pouco importava se a tinta era amarelo *Mackenzie* ou preto cemitério. — Estiveste a divertir-te recortando as minhas pinturas?

— Não sejas tolo, recortei isto de um quadro pendurado no salão da Sra. Leigh-Waters, em Richmond.

A curiosidade começou a sobrepor-se à impaciência de Mac.

— Nunca dei um quadro à Sra. Leigh-Waters de Richmond.

— Também calculei que não. Quando lhe perguntei, disse-me que o comprara a um negociante de arte da Strand, o Sr. Crane.

— O diabo é que comprou. Não vendo os meus quadros, muito menos através do Crane.

— Exatamente. — Isabella mostrou um sorriso vitorioso, a curva vermelha dos seus lábios não aliviando nada a excitação dele. — O quadro está assinado *Mac Mackenzie*, mas não foste tu que o pintaste.

Mac voltou a olhar a tira de amarelo brilhante sobre o lenço.

— Como sabes que não fui eu que o pintei? Talvez um qualquer traste ingrato a quem dei um quadro o tenha vendido para pagar uma dívida.

— A cena é uma colina de onde se avista Roma.

— Pinteí muitas cenas de onde se avista Roma.

— Eu sei, mas esta não era tua. É o teu estilo, a tua pincelada, as tuas cores, mas não foste tu que a pintaste.

Mac empurrou o lenço na direção dela.

— Como é que sabes? Conheces assim tão bem todas as minhas obras? Pinteí muitos quadros de Roma desde que... — Não conseguiu dizer «desde que tu me deixaste». Mac fora para Roma a fim de consolar o seu coração partido, pintando a maldita vista dia após dia. Fizera demasiadas pinturas de Roma, até se fartar daquele sítio. Mudara então para Veneza e pintara-a até perder a vontade de voltar a ver uma gôndola para o resto da sua vida.

Nessa época, ainda era um valdevinos bêbado. Depois de ficar sóbrio, substituindo a sua obsessão por uísque por uma obsessão por chá, regressara a Escócia e mantivera-se aí. Os Mackenzies não viam o uísque como uma bebida forte — era antes algo de essencial à vida — mas a bebida de eleição de Mac passara a ser chá *Oolong*, que Bellamy aprendera a fazer como um mestre.

Isabella corara ao ouvir as suas palavras e Mac sentiu uma alegria súbita.

— Ah, então tu estás familiarizada com tudo o que pinteí. Pareces muito interessada.

Ela corou ainda mais.

— Vejo notícias nos boletins de arte, só isso, e as pessoas dizem-me.

— E tornaste-te tão familiarizada com os meus quadros que sabes quando não pinteí um? — Mac esboçou um sorriso lento. — E isto vindo de uma mulher que mudou de hotel quando soube que eu também me alojara lá?

Mac julgara que Isabella não poderia corar mais ainda. Sentiu a alteração de dinâmica na sala, Isabella passando de um arrojado ataque frontal para uma retirada rápida.

— Não te sintas lisonjeado. Eu estou atenta às coisas, nada mais.

E, contudo, ela soubera de imediato que ele não fora o autor do quadro que vira no salão da Sra. Leigh-Waters. Mac sorriu, apreciando a sua confusão.

— O que estou a tentar dizer-te é que alguém anda a falsificar Mac Mackenzies — disse Isabella, impacientemente.

— Porque seria alguém tão tolo que falsificasse uma coisa minha?

— Por dinheiro, claro. Tu és muito popular.

— Sou popular porque sou escandaloso — contestou Mac. — Quando eu morrer, as pinturas não valerão nada, exceto como recordação. — Pousou o lenço com o pedaço de tela em cima da mesa. — Posso ficar com isto? Ou pretendes devolvê-lo à Sra. Leigh-Waters?

— Não sejas parvo. Não lhe disse que o tinha trazido.

— Deixaste a pintura na parede com um bocado cortado, não foi? Ela não dará por isso?

— O quadro está muito alto e eu cortei com cuidado para não se ver. — O olhar de Isabella recaiu sobre a pintura no cavalete. — Aquilo é bastante repugnante, sabes? Ela parece uma aranha.

Mac perdera todo o interesse na pintura, mas quando olhou para ela teve vontade de gemer. Isabella tinha razão: era horrível. Agora, todas as suas pinturas eram horríveis. Ele não fora capaz de dar uma pincelada decente desde que ficara sóbrio, e não sabia porque é que se convencera de que este quadro seria melhor.

Soltou um rugido de frustração, pegou num trapo ensopado em tinta e atirou-o à tela. O pano aterrou com um estalo na barriga pintada de Molly, e riachos castanho-escuros escorreram sobre a pele rosada.

Mac virou-se mesmo a tempo de ver Isabella a sair rapidamente da sala. Correu atrás dela e apanhou-a a meio do primeiro lance de escadas. Pôs-se à frente dela, pousando uma mão no corrimão e outra na parede. A tinta escorreu pelo papel de parede que Isabella escolhera quando redecorara a casa há seis anos.

Isabella olhou-o friamente.

— Sai da frente, Mac. Tenho meia dúzia de coisas para fazer antes do almoço e já vou começar tarde.

Mac respirou fundo, tentando acalmar a raiva.

— Espera. *Por favor*. — Obrigou-se a pedir por favor. — Vamos descer para o salão. Pedirei um chá ao Bellamy. Podemos falar acerca das pinturas que julgas terem sido falsificadas.

Qualquer coisa servia para tentar mantê-la ali. Ele sabia, no fundo do coração, que se ela voltasse a sair daquela casa, nunca regressaria.

— Não há mais nada a dizer acerca das pinturas falsificadas. Apenas pensei que gostarias de saber.

Mac tinha perfeita consciência de que todos os seus criados estavam lá em baixo escondidos, à escuta. Não faziam nada tão desastrado como espreitar para o cimo das escadas, mas estavam nas ombreiras das portas e nas sombras, para verem o que aconteceria. Adoravam Isabella e lamentavam o dia em que os abandonara.

— Isabella — disse ele, baixando o tom de voz. — Fica.

A dureza em torno dos olhos dela suavizou-se muito ligeiramente. Mac sabia que a magoara. Magoara-a vezes sem conta. O primeiro passo para a reconquistar era parar de a magoar.

Ela abriu os lábios, vermelhos e carnudos. Como ele estava dois degraus abaixo, os rostos de ambos estavam ao mesmo nível. Ele podia cobrir a pequena distância que os separava e beijá-la, se assim o decidisse, sentir a boca dela na sua, saborear a humidade quente dela na sua língua.

— Por favor — sussurrou. *Preciso tanto de ti*.

Molly escolheu exatamente esse momento para subir as escadas até junto deles.

— Está outra vez disponível para mim, Vossa Senhoria? Ainda quer que eu enfie os dedos na minha Mary Jane?

Isabella fechou os olhos, cerrou os lábios numa longa linha fina e imóvel. Mac perdeu a cabeça.

— Bellamy! — gritou por cima do corrimão. — Que raio faz ela fora da cozinha?

Molly aproximou-se mais, com um sorriso bondoso.

— Oh, Sua Senhoria não se incomoda comigo. Pois não, Vossa Senhoria?

Molly contornou o corpo de Mac e em seguida o de Isabella, o robe a restolhar enquanto subia para o estúdio.

— Não, Molly — respondeu Isabella friamente. — Não me incomodo *contigo*.

Isabella levantou a saia com a mão enluvada e preparou-se para passar ao lado de Mac. Este tentou segurá-la.

Isabella esquivou-se. Não por repugnância, percebeu ele depois de quase lhe ter gelado o coração, mas porque a mão que estendia estava coberta de tinta castanha e preta.

Mac voltou a encostar-se ao corrimão da escadaria. Não a prenderia. Pelo menos, não o faria agora, com todos os criados a espreitarem e a ouvirem, e Isabella a olhá-lo daquela maneira.

Isabella desceu as escadas rodeando-o, com grande cuidado para não lhe tocar.

Mac apressou-se atrás dela.

— Vou mandar a Molly para casa. Fica e almoça comigo. O meu pessoal pode tratar dos teus afazeres.

— Duvido muito. Alguns desses afazeres são bastante pessoais. — Isabella chegou ao piso térreo e recuperou a sombrinha que deixara no bengaleiro do vestíbulo.

Bellamy, não te atrevas a abrir essa porta.

Bellamy abriu completamente a porta, deixando entrar uma lufada do fétido ar de Londres. O landau de Isabella estava lá fora, o seu laçao pronto, com a porta aberta.

— Obrigada, Bellamy — disse ela com voz serena. — Bom dia. E foi-se embora.

Mac queria correr atrás dela, agarrá-la pela cintura, arrastá-la de volta para casa. Podia mandar Bellamy trancar as portas para

que não voltasse a sair. Ao princípio, ela odiá-lo-ia, mas compreenderia, aos poucos, que ainda lhe pertencia. Pertencia ali.

Mac obrigou-se a deixar Bellamy fechar a porta. As táticas que tinham resultado para os seus bárbaros antepassados das Terras Altas seriam inúteis com Isabella. Ela lançar-lhe-ia aquele olhar, com os seus lindos olhos, e tê-lo-ia de joelhos. Mac já se prostrara diante dela vezes suficientes, no passado. A sensação dos tapetes sob os joelhos valera bem a sua súbita gargalhada, o tom de frieza a abandonar-lhe a voz quando ela dizia, «Oh, Mac, não sejas ridículo». Ele puxava-a para junto de si, no tapete, e o perdão dava uma interessante reviravolta.

Mac sentou-se pesadamente no primeiro degrau das escadas e pousou a cabeça nas mãos manchadas de tinta. Naquele dia, dera um passo em falso. Isabella apanhara-o desprevenido e ele arruinara a excelente oportunidade que ela lhe dera.

— Oh, o quadro está todo estragado. — Molly descia apressadamente as escadas num restolhar de seda. — Bem me rala, eu estava um bocado esquisita.

— Vai para casa, Molly — disse Mac com a voz abafada. — Eu pago-te o dia completo.

Esperava que Molly desse gritinhos de prazer e saísse rapidamente, mas, em vez disso, a mulher sentou-se ao seu lado.

— Oh, pobre cordeirinho. Quer que o console?

A ereção de Mac desaparecera e ele não queria que voltasse por ninguém, a não ser por Isabella.

— Não — respondeu. — Obrigado.

— Como queira. — Molly acariciou-lhe o cabelo com os dedos esguios. — Não há nada pior que o amor não correspondido, não é verdade, meu senhor?

— Sim. — Mac fechou os olhos, a sua raiva e desejo rodopiando em torno de si, até ele se sentir nauseado. — Tens razão, não há nada pior.



O baile que Lorde e Lady Abercrombie deram em Surrey na noite seguinte estava apinhado até às vigas do teto de pessoas elegantes. Isabella entrou no salão de baile com algum nervosismo, esperando ver o marido a qualquer momento, pois sabia pela sua criada Evans que ele também recebera um convite. Evans obtivera a informação diretamente do seu velho amigo, Bellamy.

Depois de, no dia anterior, ver Mac no estúdio como um deus seminu, Isabella fora diretamente para casa e metera-se na cama em lágrimas. Nunca chegou a fazer os recados de que precisava, porque passara o resto da tarde enrolada como uma bola, com pena de si mesma.

Levantara-se na manhã seguinte e obrigara-se a encarar os factos. Tinha duas escolhas — podia evitar completamente Mac, como fizera no passado, ou resignar-se a encontrá-lo pela cidade enquanto cada um fazia a sua vida. Podiam ser civilizados. Podiam ser amigos. O que ela devia fazer era tornar-se *tão* afeita a encontrá-lo que a sua presença deixasse de a perturbar. Habituar-se de tal modo a ele que o coração deixaria de lhe saltar para a garganta mal avistasse o seu rosto forte ou tivesse um relance do seu sorriso malicioso.

A segunda escolha era a mais perturbadora, mas Isabella persuadiu-se a levar a tarefa a cabo. Não se esconderia em casa como um coelho assustado. Daí ter aceitado o convite de Lorde Abercrombie, apesar de saber que a presença de Mac era muito provável.

Isabella pediu a Evans que lhe vestisse um vestido de baile novo, de cetim azul *moiré* com rosas de seda amarela no corpete e na cauda. Maude Evans, que podia gabar-se de ter vestido atrizes famosas, várias cantoras de ópera, uma duquesa e uma cortesã, era quem vestia Isabella desde a manhã a seguir ao seu escandaloso casamento secreto com Mac. Evans chegara a casa de Mac em Mount Street, onde Isabella, com o pesado anel que Mac lhe enfiara no dedo, permanecia com o vestido de baile que usara na

noite anterior, pois não tinha ali mais roupa. Evans dera uma olhada ao rosto inocente de Isabella e tornara-se a sua feroz protetora.

Pareço bastante aceitável para uma matrona de quase 25 anos. Isabella examinara-se ao espelho enquanto Evans lhe espalhava diamantes pelo peito. Não tenho nada de que me envergonhar.

Mesmo assim, o seu coração gelou quando entrou no salão de baile de Lorde Abercrombie e avistou um Mackenzie alto do outro lado da sala de jantar. Ombros largos repuxavam a casaca preta formal do homem que repousava um cotovelo na pedra da lareira, o seu *kilt* feito com o tartã dos Mackenzie.

Isabella percebeu logo a seguir que o homem não era Mac, mas sim o irmão mais velho, Cameron. Aliviada e feliz, afastou-se dos amigos com quem chegara, apanhou as saias de cetim e avançou para ele através da multidão.

— Cam, que diabo fazes aqui? Pensei que estavas no norte, a preparar-te freneticamente para as corridas de St. Leger.

Cameron atirou para o lume o charuto que estivera a fumar, pegou nas mãos de Isabella e inclinou-se para lhe beijar a bochecha. Cheirava a fumo e a uísque de malte, como sempre, embora por vezes esses odores se misturassem com o cheiro a cavalo. O estábulo de Cameron estava repleto dos melhores cavalos de corrida de Inglaterra.

Era o segundo irmão mais velho e um pouco maior que Mac, um pouco mais largo de ombros e mais alto, com uma cicatriz a atravessar-lhe a bochecha esquerda. O seu rebelde cabelo castanho-arruivado era o mais escuro dos quatro irmãos, o dourado dos olhos também era mais escuro. Era conhecido como a ovelha negra, uma tarefa hercúlea numa família cujos excessos tanto contribuíam para os pasquins de escândalos. Toda a gente sabia que Cameron, viúvo e com um filho de 15 anos, trocava de amante de seis em seis meses, tendo a sua dose de atrizes famosas, cortesãs e viúvas bem-nascidas. Há muito que Isabella desistira de manter um registo delas.

Em resposta à pergunta, Cameron encolheu os ombros.

— Não tenho muito mais o que fazer. Já dei as minhas instruções aos treinadores e encontro-me com eles lá antes da primeira corrida.

— Mentas tão mal, Cameron Mackenzie. Foi o Hart que te mandou, não foi?

Cameron nem se esforçou para simular embaraço.

— O Hart receava que o Mac corresse atrás de ti após o casamento do Ian. Tem andado a importunar-te?

— Não — respondeu Isabella, rapidamente. Adorava os irmãos de Mac, mas eles tinham a mania de se meter nas vidas uns dos outros. Estava-lhes grata, no entanto, pois podiam tê-la repudiado quando decidira deixar Mac há três anos e meio, mas em vez disso tinham ficado do seu lado. Hart, Cameron e Ian tinham deixado bem claro que ainda a consideravam da família. E, sendo parte da família, tendiam a protegê-la como irmãos mais velhos.

— Quer dizer que o Hart te mandou vir fazer de ama-seca? — perguntou ela.

— Mandou — respondeu Cameron lentamente, imperturbável. — Devias ver-me de touca e uniforme.

Isabella riu-se e Cam riu-se com ela. A sua gargalhada era áspera, como se algo lhe arranhasse a voz.

— Como está a Beth? — perguntou. — Ela e o Ian estão bem?

— Estava tudo bem quando os deixei. O Ian está muitíssimo satisfeito com a perspetiva de ser pai. Só fala disso, de cinco em cinco minutos.

Isabella sorriu com verdadeiro deleite. Ian e Beth, a mulher com quem casara recentemente, eram tão felizes, e Isabella ansiava por segurar nos braços o pequenino que ia nascer. A ideia também lhe causou uma chicotada de dor, que conteve rapidamente.

— E o Daniel? — prosseguiu, para manter a conversa ligeira. — Veio contigo?

Cameron abanou a cabeça.

— O Daniel está alojado em casa de um velho professor meu, que deverá atafulhar-lhe a cabeça de conhecimentos antes do primeiro trimestre. Quero dar aos tutores do Danny menos razões para lhe meterem as lições na cabeça à força.

— Aulas em vez de cavalos? Tenho a certeza de que isso exaspera o nosso Danny.

— Sim, mas se continuar a ter más notas, nunca entrará para a universidade.

Parecia tanto um pai preocupado, aquele homem alto e de reputação sombria, que Isabella voltou a rir.

— Ele tenta imitar-te, Cam.

— Sem dúvida que tenta. É isso que me preocupa.

Por trás de Isabella começaram a ouvir-se os acordes de uma valsa, e os casais deslizaram para os seus lugares. Cameron estendeu o seu grande braço.

— Danças, Isabella?

— Gostaria muito...

A polida aceitação de Isabella foi interrompida por uns dedos fortes que se lhe fecharam no cotovelo. Sentiu o cheiro do sabonete de Mac e o seu cheiro masculino, a que se sobrepunha um leve odor a terebintina.

— Esta valsa é minha — disse-lhe Mac ao ouvido. — E escusas de me dizer que estás ocupada em todas as danças, minha esposa, pois sabes que isso pouco me importa.

Capítulo 2

A residência em Mount Street de um famoso lorde escocês e da sua recente esposa sofreu uma transformação completa. Convidados privilegiados falaram de papel de parede, carpetes e obras de arte de magnífico gosto e sofisticação, prova da excelente educação da senhora. Os convidados vão de uma multidão de parisienses até princesas estrangeiras, além das soberbas senhoras que honram os nossos palcos londrinos.

Abril de 1875

Isabella não soube ao certo como chegou ao centro da pista de baile sem tropeçar na cauda coberta de rosas do vestido ou nas sandálias de salto alto. Ouviu a música começar, sentiu a mão de Mac enlaçar-lhe a cintura, sentiu-se puxada para o ritmo da dança. A estratégia de se mostrar indiferente em relação a Mac pareceu-lhe, de repente, ridícula.

Ela sempre adorara a valsa e adorava, acima de tudo, dançá-la com Mac. Ele guiava-a determinadamente até ela se esquecer dos passos e, simplesmente, fluir com a música. Flutuava como se dançasse no ar, segura nos braços do homem que amava.

Naquela noite, as sandálias magoavam-na e o coração batia-lhe descompassado de encontro ao espartilho demasiado apertado. A mão de Mac na sua cintura queimava-a através do corpete, do espartilho e da camisa, como se os seus dedos gravassem pele nua. As suas pernas fortes moviam-se, roçando-lhe a saia, e aqueciam-lhe ainda mais o corpo.

— Foste descortês, sabes — disse-lhe ela, como se não se sentisse perturbada a cada passo. — Eu estava a gostar de falar com o Cameron.

— O Cameron sabe quando está a ser pau de cabeleira.

A imagem de Cameron, o mulherengo, a servir de pau de cabeleira, devia ter sido cómica, mas Isabella estava demasiado perturbada por Mac para se rir. Desejava não gostar do movimento do ombro dele sob a sua mão, da maneira como os dedos dela se perdiam no seu aperto firme. Usavam ambos várias camadas de roupa, sendo a moda o que era, mas na opinião dela o número de camadas não era suficiente.

— Calculo que estejas satisfeito contigo mesmo — disse ela, tentando manter um tom ligeiro. — Sabes que eu não podia recusar dançar contigo sem que isso fosse comentado por toda a cidade. Toda a gente adora coscuvilhar acerca de nós.

— A insaciável necessidade de Londres por coscuvilhices é uma arma no meu arsenal — disse Mac, com voz tão macia como um vinho requintado. — Embora nem sempre seja de confiança.

Isabella não conseguia olhá-lo nos olhos. Já lhe custava bastante manter-se equilibrada sem se deixar hipnotizar por aquelas íris de cobre. Em vez disso, focou-se no seu queixo, salpicado de pelos vermelho-dourados. Lembrar-se que conhecia o gosto deles não a ajudou.

— É curioso, e um pouco insultuoso, que fales acerca do que existe entre nós em termos de armas de guerra — disse ela.

— É uma metáfora adequada. Este salão de baile é um campo de batalha, esta dança é a refrega, e a *tua* arma é esse vestido decadente que te assenta tão bem.

O olhar de Mac percorreu o corpete sem ombros e repousou nas rosas amarelas do decote. As rosas amarelas eram as favoritas de Isabella desde que Mac a pintara com elas, no segundo dia do casamento. Os olhos dele entristeceram-se e a pele exposta de Isabella parecia em brasa.

— Outra das tuas armas é dançares comigo até me doerem os pés — disse Isabella. — Isso, e o teu *kilt*.

Ele mostrou-se surpreendido.

— O meu *kilt*?

— Ficas particularmente bonito de *kilt*.

Mac pestanejou.

— Sim, lembro-me que sempre te agradou olhar para as minhas pernas. E para outras partes da minha anatomia. Diz-se que os escoceses não usam nada debaixo dos *kilts*.

Isabella recordava-se de manhãs em que ele não usava nada além do *kilt* enrolado descuidadamente em torno das ancas, com os pés sobre a mesinha do quarto enquanto folheava o jornal da manhã. Vestido formalmente, Mac era de fazer perder a cabeça, mas com a roupa de andar por casa, era devastador.

— Tiras demasiadas conclusões da minha afirmação — disse Isabella, sem firmeza na voz.

— A sério? Gostarias de ir ao terraço e satisfazer a tua curiosidade acerca da outra parte?

— Não quero, sequer, aproximar-se de um terraço *contigo*, muito obrigada.

Fora num terraço em casa do seu pai que Mac, depois de ter entrado sem convite no seu baile de debutante, a beijara pela primeira vez.

Os olhos de Mac refulgiram, um sorriso pecaminoso espreitando-lhe a boca.

— Receias que seja um campo de batalha mais perigoso?

— Se tens mesmo de continuar com a metáfora da guerra, sim. Sinto que o terraço me daria uma desvantagem tática.

Mac puxou-a um nadinha mais para si.

— Tu tens sempre vantagem sobre mim, Isabella.

— Custa-me a crer. Porque a teria?

Ele aproximou-a ainda mais.

— Porque és capaz de me amedrontar só por entrares numa sala, como fizeste ontem no meu estúdio. Vivi como um monge por três anos e meio, e ver-te tão perto, sentir o teu cheiro, tocar-te... Tem piedade de um pobre celibatário.

— Não ires atrás de outras foi escolha tua.

Mac tentou captar-lhe o olhar e, finalmente, ela olhou-o nos olhos. Por trás do brilho de provocação, viu uma serenidade que nunca lhe notara.

— Sim — concordou ele. — Pois foi.

Isabella acreditou nele. Conseguia nomear pelo menos meia dúzia de mulheres que saltariam para a cama de Mac Mackenzie no momento em que este lhes indicasse que eram bem-vindas. Isabella sabia que ele não andara atrás de mulheres, antes ou depois da separação, porque muita gente teria tido todo o prazer em a avisar, caso o fizesse. Até os seus conhecidos mais maldosos tinham de admitir que Mac permanecera fiel à mulher, mesmo depois de esta o ter deixado.

— Talvez fosse melhor eu mudar de perfume — disse Isabella.

— Isto não tem nada a ver com o perfume. — Mac inclinou-se para ela, a sua respiração tocando-lhe a curva entre o pescoço e o ombro. — Agrada-me que ainda uses óleo de rosas.

— Gosto de rosas — disse ela, debilmente.

— Eu sei. Amarelas.

Isabella voltou a tropeçar. Mac endireitou-se, apertando-lhe a cintura com a mão.

— Cuidado.

— Estou mesmo desastrada esta noite — disse ela. — Estas sandálias são malélicas. Será que nos podemos sentar?

— Já te disse, só quando acabar a valsa. Esta dança é o meu preço, e não posso, de forma alguma, deixar-te ir quando ainda só pagaste metade, não achas?

— O teu preço porquê?

— Por não te beijar loucamente diante desta gente toda. Já para não falar de ontem, nas escadas.

Os dedos de Isabella estremeçeram.

— Ter-me-ias beijado ontem, apesar de eu não o desejar?

— Mas tu desejavas, querida esposa. Conheço-te tão bem!

Isabella não respondeu, porque era verdade. Quando tinham ficado face a face nas escadas, na casa em que tinham vivido juntos, quase permitira que ele a beijasse. Se Molly não os tivesse interrompido, Isabella tê-lo-ia deixado tomá-la nos braços e encostar o rosto sujo de tinta ao seu, tocá-la tanto quanto quisesse. Mas Mac deixara-a ir, por sua escolha.

— Por favor, Mac, podemos parar agora? Estou cheia de calor.

— Pareces corada. Só há um remédio para isso.

— Uma cadeira e um fresco?

— Não. — Um sorriso espalhou-se-lhe pelo rosto, o mesmo sorriso malicioso que destruíra a Isabella debutante há mais de seis anos. Ele retirou-a do recinto de dança, meteu-lhe o braço no seu e conduziu-a rapidamente através do salão de baile até atravessarem as portas.

— Um passeio pelo terraço.

— Mac.

Mac ignorou o protesto e conduziu-a através do terraço fresco e mal iluminado. Parou ao fundo do mesmo, nas sombras para além das janelas iluminadas.

— Ora bem — disse ele.

Isabella deu por si encostada à parede, as mãos fortes de Mac de ambos os lados do seu corpo.



O hálito de Isabella era doce, o seu corpo uma extensão quente no ar frio. O peito dela erguia-se de encontro ao decote, diamantes brilhavam-lhe na pele.

Tinham estado exatamente assim no terraço do pai dela na noite em que se tinham conhecido, Isabella encostada à parede, a mão de Mac aberta nos tijolos a seu lado. Nessa altura, Isabella tinha 18 anos, usava um virginal vestido branco e, como único adorno, um colar de pérolas. Uma donzela pura e intocável, de cabelos gloriosos, uma ameixa madura, pronta a ser colhida.

A tentação de lhe tocar fora irresistível. A aposta que Mac fizera nessa noite fora simples — entrar em casa do extremamente pedante Conde Scranton sem convite, dançar com a pudica e formal debutante em cuja honra o baile se realizava e convencê-la a beijá-lo.

Mac esperava encontrar uma donzela magra como um espeto, com uma boquinha afetada e maneirismos irritantes. Em vez disso, encontrara Isabella.

Fora como vislumbrar uma borboleta entre lagartas sem cor. No instante em que vira Isabella, Mac desejou conhecê-la, falar-lhe, saber tudo acerca dela. Lembrava-se de como ela o observara a abrir caminho na sua direção, através do salão apinhado, com o queixo erguido e os olhos verdes desafiando-o a portar-se mal. As amigas, por trás dela, tinham sussurrado, sem dúvida avisando-a de quem ele era, esperando vê-la repelir o escandaloso Lorde Roland «Mac» Mackenzie. Isabella, viera Mac a saber, era exímia a repelir.

Ele parara diante dela e, sem dizer uma palavra, Isabella roubara-lhe a respiração. O cabelo, caído sobre o ombro num rio de vermelho, os olhos refulgindo com uma inteligência natural, e ele desejou-a. Dançar com ela, pintá-la, fazer amor com ela. *Vem, querida. Vem pecar comigo.*

Mac agarrara no conhecido mais à mão e obrigara o homem a apresentá-los, sabendo que aquela jovem esmeradamente educada não lhe dirigiria a palavra antes disso. Quando Mac lhe estendera a mão e fizera a pergunta convencional, «Minha senhora, dá-me o prazer desta valsa?», ela lançara-lhe um olhar frio e levantara o pulso para lhe mostrar o cartão de danças que aí se suspendia.

— Que pena — comentara. — O meu cartão está cheio.

Claro que estava. Ela era uma debutante bem protegida, a filha mais velha de Conde Scranton, um partido vantajoso. Um dos cavalheiros minuciosamente escolhidos pelo seu pai devia estar nesse momento a tentar aproximar-se, com pressa de reclamar a sua valsa.

Mac pegara no cartão, tirara um lápis do bolso e traçara uma firme linha diagonal sobre todos os nomes. Ao longo dessa linha, escrevera com os seus gatafunhos descuidados — *Mac Mackenzie*.

Largara o cartão e estendera a mão.

— Venha dançar comigo, Lady Isabella — dissera-lhe ele.
Desafio-a...

Mac esperara que ela o rejeitasse implacavelmente. Que se afastasse de nariz no ar, procurasse os lacaios do pai e os instrísse para expulsarem aquele pulha.

Mas ela dera-lhe a mão. Tinham fugido nessa mesma noite.

Esta noite, na semiobscuridade do terraço de Lorde Abercrombie, o cabelo de Isabella sobressaía como fogo, mas havia sombras nos seus olhos. Ela não gritara nem fugira dele na noite em que se tinham conhecido, e também não gritaria nem fugiria agora.

No terraço da casa do seu pai, ela olhara-o corajosamente, com olhos temerários. Mac tocara-lhe os lábios com os seus, apenas um toque, não um beijo. Quando ele recuara, Isabella erguera o olhar para ele, em choque.

Mac ficara igualmente chocado. Tencionara rir-se do seu pudor agitado e deixá-la sozinha. Debutante beijada, aposta ganha. Mas, depois do primeiro toque de lábios, não conseguiria arrastar-se dali nem que estivesse amarrado a um dos mais rápidos cavalos de corrida de Cameron.

Ao segundo toque das bocas, Isabella abrira os lábios, tentando devolver-lhe o beijo. Mac rira baixinho, em triunfo, dissera-lhe que era incrivelmente doce e reclamara-lhe a boca. Queria-a na sua cama naquela mesma noite, precisava disso, ansiava por isso. Mas arruiná-la-ia completamente se não casasse com ela, e Mac não queria magoar sequer um cabelo da cabeça daquela senhora.

Por isso, casara com ela.

Nessa noite, depois do beijo, Isabella entreabriu os lábios e sussurrara o nome dele. Esta noite, aqueles mesmos lábios vermelhos entreabriram-se e disseram:

— Investigaste a falsificação de que te falei ontem?

Mac regressou ao presente como se tivesse levado uma bofetada gelada.

— Já te disse, Isabella, pouco me importa que um tolo queira copiar as minhas pinturas e assinar o meu nome nelas.

— E vendê-las?

— Que o dinheiro lhe faça bom proveito. — Quem quer que tivesse sido, que o gozasse bem.

Isabella olhou-o seriamente, de olhos arregalados.

— Não é só o dinheiro. Ele, ou ela, está a roubar uma parte de ti.

— Está? — Mac não conseguia imaginar que parte. Isabella levou a maior parte dele quando o abandonara, deixando um buraco no sítio onde antes estivera Mac.

— Sim, está. Pintar é a tua vida.

Não. Pintar *tinha sido* a sua vida. Tentar pintar Molly no dia anterior fora um desastre completo. Os quadros que iniciara em Paris no verão tinham sido igualmente desastrosos e acabaram no lixo. Mac aceitara o facto de que aquela parte da sua vida chegara ao fim.

— Sabes que só me dediquei à pintura para irritar o meu pai — disse ele em tom ligeiro. — Isso já foi há muito tempo e agora o velho traste já não é afetado pelos meus passatempos irritantes.

— Mas apaixonaste-te pela arte. Disseste-mo. Produziste algumas obras fantásticas, sabe-lo. Podes desdenhar, mas as tuas pinturas são fantásticas.

Fantásticas, sim. Era isso que doía tanto.

— Julgo que perdi o gosto.

— Vi-te pintar com grande energia quando irrompi pelo teu estúdio ontem de manhã.

— Numa pintura que, como tu disseste e muito bem, era horrenda. Paguei à Molly pelo trabalho completo e mandei o Bellamy destruir o quadro.

— Santo Deus, também não era assim tão mau. Um pouco fora do teu estilo, admito.

Ele encolheu os ombros.

— Pinteí-o para ganhar uma aposta. Antes de ir para Paris, uns amigos desafiaram-me a fazer algumas pinturas eróticas, apostando que não seria capaz. Disseram que eu me tornara demasiado pudico para pintar alguma coisa picante.

Isabella riu alto, o seu hálito quente no ar frio. Mac lembrou-se de como ela costumava rir de encontro à sua pele quando estavam os dois deitados, em noites frias de inverno.

— Tu? — disse Isabella. — Pudico?

— Aceitei a aposta para salvar a minha honra, muito obrigado, mas vou perdê-la.

Perder irritava-o, mas não por uma questão de orgulho. Mac compreendera no dia anterior que não seria capaz de pintar os quadros eróticos, por mais que tentasse. Simplesmente, não conseguia pintar fosse o que fosse.

— Que acontece se perderes? — perguntou Isabella.

— Não me lembro dos pormenores. Acho que tenho de entoar melodias com a banda do Exército de Salvação, ou outra coisa igualmente ridícula.

Isabella voltou a rir-se, o som pareceu-lhe seda.

— Que descaramento.

— Apostas são apostas, minha querida. Não há nada mais importante.

— Suponho que seja um ritual masculino que nunca entenderei. Embora na Academia Seleta da Menina Pringle também conseguíssemos propor alguns desafios interessantes.

Mac apoiou o braço na parede, aproximando-se ainda mais.

— Estou certo de que isso chocava a menina Pringle.

— Não chocava, apenas aborrecia. Ela parecia saber sempre o que nós andávamos a tramar.

— A muito clarividente menina Pringle.

— Ela é extremamente inteligente. Não troces dela.

— Nunca! Aprecio-a muito. Se *tu* és o produto da sua academia, todas as jovens deviam frequentá-la.

— Não teria espaço para todas — disse Isabella. — É por isso que se chama Academia *Seleta* da Menina Pringle.

Assim costumavam ser as coisas com Isabella, os dois a tagarelar enquanto ele deixava o cabelo sedoso dela escorrer-lhe entre os dedos. Ficavam estendidos na cama a conversar e a rir, discutindo acerca de tudo e de nada.

Maldição, quero isto de volta.

Ele sentira-lhe a falta com todo o seu corpo desde que Ian lhe entregara a carta. *Que é isto?*, perguntara Mac, não com o melhor dos humores — com dores de cabeça, após uma noite de bebedeira. *A Isabella agora manda-te entregar bilhetinhos de amor?*

O olhar dourado de Ian deslizara para o ombro direito de Mac, pois não se sentia confortável a olhar ninguém nos olhos. *A Isabella foi-se embora. A carta explica porquê.*

Foi-se embora? Que queres dizer com isso? Mac quebrara o lacre e lera as palavras fatídicas: *Meu querido Mac. Amo-te. Amar-te-ei sempre. Mas não posso continuar a viver contigo.*

Ian ficara a observar Mac, na sua fúria, lançando ao chão tudo o que estava em cima da mesa de pintura. Quando se acalmara, voltara a olhar sombriamente para a carta e Ian, um homem que não gostava de ser tocado, pousara a mão no ombro do irmão. *Ela teve razão.*

As lágrimas vieram mais tarde, quando Mac bebera até ao estupor, com a carta amachucada na mesa ao seu lado.

Isabella estremeceu de repente, interrompendo-lhe os pensamentos.

— Estás com frio — disse Mac. A temperatura baixara e o vestido decotado de Isabella não a protegia de uma noite de outono. Mac despiu o casaco e colocou-lho nos ombros.

Segurou as pontas do casaco, consumido de desejo. Estavam relativamente sozinhos, ela era a sua mulher e ele ansiava por tocar-lhe.

Dançar com ela fora um erro. Recebera um gostinho dela, e agora ansiava por mais, muito mais. Queria desenrolar-lhe os caracóis complicados, ver o seu longo cabelo espalhado sobre o seu corpo nu. Queria que ela erguesse o rosto para ele e lhe sorrisse com olhos lânguidos, que se arqueasse ao encontro da sua mão enquanto lhe dava prazer.

Mac pintara-a na manhã a seguir ao casamento apressado, Isabella sentada na beira da cama, nua, os lençóis enredados em torno dela. Ela enrolara num nó o cabelo cor de fogo, os seios firmes erguendo-se quando se mexia. Ao partir, Isabella levava a pintura e Mac nunca lhe pedira que a devolvesse. Agora lamentava não o ter feito, porque ao menos poderia olhá-la e recordar.

— Isabella. — A palavra saiu meio sussurro, meio gemido.
— Senti tanto a tua falta.

— Também senti a tua falta. — Ela tocou-lhe no rosto, a mão fria e suave. — Sinto a tua falta, Mac.

Nesse caso, porque me deixaste?

Conteve as palavras que lhe chegavam à boca. Repreensões apenas a fariam zangar, e já houvera demasiada zanga.

Não estás a esforçar-te o suficiente para que ela volte, dissera-lhe Ian há pouco tempo. Nunca pensei que fosses tão estúpido.

Mas Mac sabia que tinha de ir devagar. Se a pressionasse, ela esquivar-se-ia, como um raio de sol que tentasse apanhar com as mãos.

— Na verdade, se me concedesses alguns preciosos momentos — disse Mac, pigarreando. — Trouxe-te aqui fora por uma razão. Ela sorriu.

— Para que eu me refrescasse depois da nossa árdua dança?

— Não. — *Raios, deixa-me concluir isto.* — Para te pedir ajuda.

Capítulo 3

O grandioso Lorde de Mount Street, tão recentemente casado, não abandonou, segundo nos asseguraram, o seu passatempo de pintar à moda dos *parisienses* e, de facto, tem pintado com renovado vigor desde o seu casamento.

Maio de 1875

Isabella piscou os olhos com genuína surpresa.

— A minha ajuda? Que poderia fazer por um lorde tão nobre como tu?

— Não é nada muito difícil — disse Mac. — Só preciso de um conselho.

Um sorriso débil assomou aos lábios de Isabella e o sangue dele fervilhou ao vê-lo.

— Santo Deus, Mac Mackenzie procura conselho?

— Não é para mim, é para um amigo. — De repente, aquilo pareceu-lhe uma ideia completamente estúpida, mas Mac não conseguia pensar numa melhor. — Conheço um cavalheiro que deseja cortejar uma senhora — disse ele de supetão. — Vim perguntar-te como é que isso se faz.

Isabella ergueu as sobrancelhas, os seus olhos tão próximos na escuridão.

— A sério? Porque precisarias do meu conselho em relação a isso?

— Porque não sei muito sobre fazer a corte, pois não? O nosso processo de corte durou, não sei, uma hora e meia? Além disso, trata-se de um assunto delicado. A senhora em questão despreza-o. Outrora, há muitos anos, este homem magoou-a. Profundamente. —

Mac remexeu-se, com todos os músculos a doerem-lhe. — Ela precisará de persuasão. Muita persuasão.

— Mas as senhoras não gostam disso — disse Isabella, sem perder o meio sorriso. — Gostam de ser admiradas e respeitadas.

Que diabo. Gostavam de ser adoradas, queriam os homens ofegantes de ansiedade ao mais leve dobrar de um dedo. Obter um sorriso, exigiria ainda mais.

— Muito bem — disse Mac com a voz rouca. — Qual é a tua opinião acerca de presentes?

— As senhoras gostam de presentes. Símbolos de afeto. Mas presentes apropriados, nada de extravagâncias.

— Mas ele é muito rico, este meu amigo. Gosta de ser extravagante.

— Isso não impressionará necessariamente uma senhora.

Que diabo, mais uma vez. As mulheres arrulhavam perante colares, refulgentes safiras azuis, esmeraldas tão verdes quanto os seus olhos. Certa vez, Mac comprara a Isabella um fio de esmeraldas para espalhar suavemente sobre os seios. Na primeira noite que as usara, estavam sozinhos, os belos seios desnudados para ele. Mac não esquecera o sabor das esmeraldas de encontro à sua pele.

— Nesse caso, ensinar-lhe-ei a diferença entre o apropriado e o extravagante — disse Mac, com voz rouca. — Mais alguma coisa?

— Sim. Tempo. A senhora precisará de tempo para pensar e não deve ser pressionada. Tempo para decidir se o cavalheiro é apropriado para ela.

Tempo. Já passara demasiado tempo. Semanas, meses e anos desperdiçados, em que Mac podia ter estado abraçado a ela na cama, saboreando-a e cheirando-a, sentindo o seu calor.

— Queres dizer, tempo para o homem lhe provar a sua devoção? — Mac não conseguia disfarçar a impaciência na voz. — Ou tempo para a senhora o enlouquecer completamente?

— Tempo para a senhora decidir se essa devoção é verdadeira ou se existe apenas na imaginação dele.

— É a senhora que decide, não é?

— Sim, sempre.

Mac resmungou.

— Grande azar o do cavalheiro, não é verdade, quando uma senhora conhece a sua mente melhor do que ele?

— Assim são as coisas durante a corte — disse Isabella, friamente. — *Foste* tu que perguntaste.

— E se o malfadado sujeito estiver apaixonado e o souber?

— Se assim fosse, ele nunca teria magoado essa senhora no passado.

O súbito clarão de dor nos olhos dela trespassou-o, e Mac teve de desviar o olhar. Sim, ele magoara-a. Magoara-a repetidamente, e sabia-o. Ela magoara-o, por sua vez, ambos investindo e esquivando-se aos golpes e tentando desesperadamente manter a sua posição. Que raio de maneira tão estúpida de conduzir um casamento.

Ele soltou um suspiro entrecortado.

— O que eu te proponho é que me ensines o que o meu amigo deve fazer. Dá-me aulas de corte. Depois, ensinarei ao meu amigo o que eu aprender.

Mac aguardou enquanto ela cerrava os lábios. Ela fazia sempre isso quando pensava, e Mac gostara sempre de se aproximar mais, até roçar a boca naquele leve beicinho. Então ela ria-se e dizia algo como, *Querido Mac, és tão tolo*.

— Suponho que poderia ser persuadida — disse Isabella agora, com a sua boca macia e vermelha. — Embora esse não seja o significado da corte, bem sabes.

Mac afastou-se muito ligeiramente.

— O que é que não é?

Ela molhou os lábios, fazendo a ânsia dele disparar.

— Começaste mal, receio bem. Não se convida uma senhora para dançar arrastando-a para longe do parceiro que ela acabou de aceitar; e quando a senhora fica demasiado afogueada, o cavalheiro

deve conduzi-la a uma cadeira e trazer-lhe um refresco, e não arrastá-la para as sombras do terraço.

— Porque não?

— Isso é sedução, não é corte. Pode arruinar a senhora.

— Ah. — Mac voltou a pôr a mão na parede ao lado dela, reparando que tremia. — Consideras, pois, que reprovei nessa lição.

— Quase. — Ela sorriu e o coração dele deu uma volta. — És muito lisonjeador, o que é sempre um ponto a favor de um cavalheiro.

— Posso ser mais lisonjeador do que isto. Posso dizer-te que o teu cabelo é uma esteira de fogo, que os teus lábios são mais doces que os mais finos vinhos, que a tua voz flui dentro de mim e me atiça todos os desejos.

Ela engoliu em seco.

— Uma senhora decente pode ficar abalada com essas comparações.

— Lembro-me de uma senhora decente que não se importava que eu falasse das almofadas dos seus seios e da glória que jazia entre as suas pernas.

— Nesse caso, não podia ser uma senhora decente — disse Isabella, suavemente.

Mac debruçou-se para ela.

— Essa jovem decente ficaria chocada se lhe dissesse que estou em risco de a possuir aqui mesmo, sem me preocupar com quem possa surgir neste extremo do terraço?

Ela baixou as pálpebras.

— Não creio que uma tal coisa seja prática, com um vestido assim.

— Não provoques, Isabella. Falo completamente a sério.

— Nunca consegui resistir a provocar-te. — Ela dirigiu-lhe o seu sorrisinho tímido, e todo ele estremeceu. — Mas tenho pensado muito nisto, Mac. Ambos nos fechámos em nós próprios, quase incapazes de falar um com o outro, o que tem criado grande

pressão. Talvez, se nos acostumássemos a ver-nos mais vezes, deixássemos de evitar os eventos em que ambos podemos estar presentes, como esta noite, e ficássemos mais confortáveis um com o outro.

A bolha de esperança de Mac rebentou.

— Confortáveis? Que diabo significa isso? Como se estivéssemos na velhice, acenando um para o outro nas nossas cadeirinhas de rodas?

— Não, não. Quero dizer que, se nos habituássemos à companhia um do outro, talvez o teu desejo diminuísse. Seríamos mais civilizados um com o outro. A verdade é que estamos nervosos. Acerca de tudo.

Por um lado, Mac queria desatar a rir à gargalhada; por outro, queria zangar-se.

— Que diabo, Isabella, achas que a pressão entre nós tem alguma coisa a ver com o meu *desejo* por ti? Oh, minha querida menina!

— Claro que não acredito que seja assim tão simples. Mas, talvez, se concordarmos em tornar-nos mais, bem, confortáveis um com o outro, consigamos avistar-nos sem entrar em ebulição.

— Duvido muito disso. — Mac lançou-lhe um caloroso sorriso de esguelha. — Tenho estado em ebulição por ti desde a noite em que nos conhecemos. Nunca deixei de estar e nunca deixarei, por mais vezes que tenha o prazer de te levar para a cama.

Os lábios de Isabella entreabriram-se de surpresa. Teria julgado que a solução para a sua infelicidade era assim tão simples? Que, se começassem a enfadar-se da companhia um do outro, Mac pararia de a desejar e a deixaria em paz? Alguns homens — tolos completos — perdiam o interesse numa mulher depois de a levar para a cama, mas Mac não conseguia imaginar-se a perder alguma vez o interesse por Isabella.

O sorriso dele tornou-se predatório.

— Minha querida Isabella, vou aceitar a tua sugestão e mostrar-te o que acontece quando brincamos com o fogo. Garantirei que

nos vejamos um ao outro muitas, muitas vezes. E nunca nos enfatiaremos. Porque, percebes, minha querida, quando finalmente te levar outra vez para casa, será para sempre. Sem ressentimentos, sem jogos, sem «conforto». Seremos homem e mulher em todos os aspetos, e será definitivo.

Isabella dirigiu-lhe um olhar altivo. Aquela era a sua Isabella. Um verdadeiro petardo e não uma donzela chorona.

— Compreendo. Os jogos que jogarmos serão os que *tu* escolheres.

Ele tocou-lhe nos lábios com a ponta do dedo.

— Exatamente, minha querida. E quando eu vencer, Isabella, será para sempre. Juro-to.

Isabella abriu a boca para ripostar, mas Mac silenciou-a com um beijo quente e rápido. O sabor dela foi suficiente para o desfazer em pó, mas ele obrigou-se a soltá-la com igual rapidez.

O dedo desceu do pescoço dela até à sombra do decote.

— Boa noite, minha querida — disse. — Fica com o casaco.

Afastar-se dela, tão apetecível com o vestido decotado e o seu casaco pendurado nos ombros, foi uma das coisas mais difíceis que Mac alguma vez fizera. A cada passo, esperava que ela o chamasse, que lhe suplicasse que voltasse, até mesmo que o amaldiçoasse.

Isabella não disse uma palavra. O desejo de Mac criticou-o severamente enquanto percorria o terraço e regressava à casa demasiado abafada.



A excitação de Mac não desaparecera ainda no momento em que chegou a casa e subiu os quatro lances de escadas até ao seu estúdio. Ficou no meio da sala, a observar a pintura arruinada ainda no cavalete, a mesa cheia de frascos e paletas, os pincéis meticulosamente lavados e organizados. Mesmo quando perdia a cabeça e atirava com as coisas, Mac cuidava sempre dos seus pincéis. Estes eram uma extensão dos dedos do pintor, dissera-lhe o velho louco

que fora o seu primeiro professor de arte. Tinham de ser tratados com cuidado.

A respiração laboriosa de Bellamy soou atrás de Mac enquanto o criado de quarto subia as escadas do sótão. Mac tirou distraidamente a gravata e a faixa da cintura e entregou-as a um reprovador Bellamy quando este entrou no quarto. Mac conduzira sessões selvagens de pintura em roupa de cerimónia e Bellamy dissera francamente, no seu sotaque do East End, que não se responsabilizaria pelas roupas de Sua Senhoria caso este insistisse em conspurcá-las com tintas de óleo.

Mac não se importava muito, mas Bellamy importava-se, por isso Mac encheu-lhe os braços de roupas e mandou-o embora. Depois de Bellamy ter fechado a porta, Mac vestiu o velho *kilt* que guardava ali para pintar, juntamente com as botas salpicadas de tinta.

Atirou a tela arruinada para o chão, com a face para baixo, e colocou no seu lugar uma tela em branco. Com o lápis de carvão aninhado na palma da mão e o à-vontade de uma longa prática, começou a desenhar.

Bastaram algumas linhas para esboçar o que pretendia — os olhos de uma mulher — e mais algumas linhas para preencher o seu rosto, outras para representar os cabelos caídos sobre os ombros. Quando terminou, a beleza e a simplicidade do desenho comoveram-no.

Pegou na paleta, deitou-lhe tintas e começou a pintar. Tons leves, muitos brancos. Para as sombras usou uma mistura de verde, ocre e vermelho muito escuro. Os olhos verdes foram esbatidos com preto, transmitindo com exatidão o seu brilho.

A madrugada infiltrava-se pelas claraboias antes de Mac acabar. No final, pousou a paleta em cima da mesa, pôs os pincéis de molho na solução de limpeza e contemplou a pintura.

Algo nele rejubilava. Depois de tanto tempo — *tanto tempo* — o brilho que o tutor de Mac vira nele reaparecia mais uma vez.

Uma mulher espreitava da tela: o queixo um pouco pontiagudo, os lábios entreabertos num meio sorriso. Cabelos ruivos escorriam-lhe pelo ombro e os olhos fixavam-no com uma expressão altiva mas sedutora. Botões de rosa, pintados com o amarelo vibrante que era a imagem de marca de Mac, pendiam-lhe dos caracóis, como se ela tivesse dançado toda a noite e tivesse voltado para casa cansada. Não pintara o vestido que ela usava naquela noite, apenas o sugerira com pinceladas de azul muito escuro que se fundiam no fundo.

Era a coisa mais bela que pintara nos últimos anos. A pintura parecia sair da tela, as cores e os traços fluindo com uma graça sem esforço.

Durante alguns segundos, Mac deixou os dedos entorpecidos e sujos de tinta penderem por cima da mulher. Depois, resolutamente, virou as costas ao quadro e saiu do estúdio.



Na manhã seguinte, Isabella ajeitou as luvas nos dedos com gestos rápidos e verificou o ângulo do chapéu no espelho do vestíbulo. O seu coração batia vigorosamente, mas estava determinada. Se Mac não fazia nada acerca das pinturas forjadas, ela faria.

Fez um meneio de cabeça ao mordomo quando este lhe abriu a porta da rua.

— Obrigada, Morton. Por favor, assegura-te de que o casaco de Sua Senhoria é limpo e que lhe é devolvido esta tarde.

Isabella segurou a mão do lacaios e instalou-se no landau. Só quando o veículo penetrou no trânsito matinal é que se recostou nas almofadas e soltou um suspiro.

Dormira muito pouco depois de voltar do baile em casa de Lorde Abercrombie na noite anterior. Quando Mac se afastara, no terraço, a dor da sua partida atingira-a profundamente. Quisera correr atrás dele, fazê-lo virar-se para ela e implorar-lhe com todas as forças que ficasse.

Mas tivera de se conformar com o seu casaco. Colocara-o ao seu lado na cama, para poder tocá-lo e sentir o seu odor. Ficara acordada e inquieta, ansiando por ele, até finalmente ceder e sonhar com o seu sorriso e com aquele beijo quente e pecaminoso.

De manhã, entregara o casaco descuidadamente a Evans, mandando-a pedir a Morton que se ocupasse dele.

Dera ordens ao cocheiro para a levar à Strand, onde ficava a loja de belas-artes dos Srs. Crane e Longman. O Sr. Longman já falecera e deixara a loja ao Sr. Crane, mas este nunca removera o nome do sócio da tabuleta.

O Sr. Crane, um homem pequenino com mãos macias e unhas bem arrançadas, apertou a mão de Isabella quando esta entrou, e desatou a elogiar Mac Mackenzie.

— Sr. Crane, foi precisamente por causa do Mac que vim visitá-lo — disse Isabella quando ele abrandou. — Por favor, fale-me da pintura que vendou à Sra. Leigh-Waters.

Crane juntou as mãos e inclinou a cabeça, o que o fez parecer uma avezinha roliça.

— Ah, sim, *Roma Vista da Colina do Capitólio*. Excelente obra. Uma das melhores dele.

— O senhor sabe que o Mac não vende as suas pinturas? Dá-as a quem as quiser. Não o surpreendeu que esta aparecesse à venda?

— Na verdade, fiquei bastante surpreendido quando Sua Senhoria nos instruiu para a vendermos — respondeu o Sr. Crane.

— Foi o *Mac* quem deu essa ordem? Quem lhe disse isso?

O Sr. Crane pestanejou.

— Perdão?

— Quem trouxe a pintura e lhe disse que Sua Senhoria queria vendê-la?

— Ora, foi Sua Senhoria em pessoa!

Foi a vez de Isabella pestanejar.

— Tem a certeza? Foi Mac quem trouxe o quadro até aqui e lho entregou?

— Bem, na verdade, não foi a mim. Eu tinha saído. Foi o meu assistente que o recebeu e catalogou. Disse que Sua Senhoria não fazia qualquer questão acerca do preço.

Os pensamentos de Isabella rodopiaram. Ela julgara que a missão seria simples — fazer ver ao Sr. Crane que vendera uma falsificação e exigir saber o que pretendia fazer acerca disso. Agora estava na dúvida. Teria sido mesmo Mac a pintá-la e a vendê-la? E porquê?

— O seu assistente conhece mesmo o Mac? — perguntou ela. — Não terá partido do princípio de que o cavalheiro era Mac, sem perguntar?

— Minha senhora, fiquei igualmente surpreendido, mas o meu assistente descreveu Sua Senhoria com exatidão. Até aquela maneira descuidada que ele tem de falar, como se não houvesse nada de muito importante na sua arte. Encantador, sabendo que tem tanto talento. Como Sua Senhoria não tem pintado muito ultimamente, fiquei muito contente por obter algo dele.

Isabella não fazia ideia do que dizer a seguir. Imaginara-se a interrogar o Sr. Crane acerca de quem lhe levara a pintura, a repreendê-lo por deixar que falsificações lhe passassem pelas mãos. Agora não sabia como continuar. Tivera tanta certeza de que Mac não pintara aquela cena, se bem que, pensando melhor, Mac não o tivesse confirmado nem desmentido quando lhe perguntara.

— Ah, Vossa Senhoria — disse Crane, vivamente. — Que oportuno. Estávamos mesmo a falar de si e daquela adorável pintura que fez de Roma. Seja bem-vindo ao meu humilde estabelecimento.

Isabella deu meia volta. Mac estava junto da porta, a bloquear a fraca luz do exterior.

Atravessou a ombreira, tirou o chapéu, lançou a Isabella um sorriso que lhe enfraqueceu os joelhos e disse:

— Então, Crane. Que anda você a tramar, a vender falsificações das minhas malditas pinturas?



ISABELLA FUGIU DE UM CASAMENTO INTENSO, MAS MAC ESTAVA DECIDIDO A RECONQUISTÁ-LA.

Durante o seu baile de debutante, Lady Isabella, de 18 anos, é «roubada» pelo mal-afamado Lorde Mac Mackenzie e casam nessa mesma noite, escandalizando a sociedade londrina. Depois de três anos de um casamento atribulado, Isabella volta a escandalizar Londres ao separar-se de Mac.

Destruído pela separação, Mac dedica-se apenas à pintura. Mas sem a sua musa, percebe que também o seu talento o abandonou. Quando Isabella vê exposto um quadro do ex-marido, percebe que se trata de uma imitação e que há um falsificador a fazer-se passar pelo famoso Mac Mackenzie. Um mistério que faz Isabella reentrar na vida de Mac.

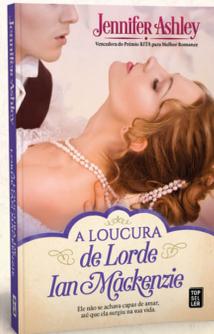
Quando a sua linda mulher volta a cruzar a porta de casa, Mac percebe que a quer de volta à sua vida e à sua cama e tudo fará para reconquistá-la. Isabella tenta resistir-lhe, mas ao aceitar ser pintada, por ele, em poses eróticas, percebe que o desejo entre ambos é uma força imparável que apenas aumentou ao longo dos anos.



«Adorei ler este romance!»

Eloisa James

DA MESMA AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8849-15-1



9 789898 849151

Ficção Romântica